

# As identidades, as relações com os sujeitos e suas práticas sociais

## Identities, the relationships with the subjects and their social practices

MARIA IRATELMA PEREIRA<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo trata das reflexões sobre identidades, as relações com os sujeitos e suas práticas sociais. O trabalho destaca, portanto, a compreensão que alguns autores fazem acerca dos sujeitos na busca de suas semelhanças, na condição de indivíduos, através das definições e mudanças ocorridas no processo de transformação social e histórica.

**Palavras-chave:** Identidades. Sujeitos. Práticas sociais.

**Abstract:** This article talks about reflections on identities, the relationships with the subjects and their social practices. Therefore, the work highlights the comprehension that some authors make about subjects searching for their similarities, as individuals, through definitions and changes occurred on historical and social transformation process.

**Keywords:** Identities. Subjects. Social practices.

### Introdução

Pensar o sujeito como um indivíduo, ou seja, não sendo dividido, é refletir como pertencente a uma sociedade, tendo uma consciência de classe, que tem intencionalidade e o leva às práticas sociais, possibilitando-o a ser partícipe de um jogo relacional, onde as identidades são móveis e não fixas, estando numa relação de constante unidade, com regularidades que definem suas singularidades e pluralidades.

Elias (2006, p. 21), ao refletir sobre civilização, afirma que “o processo universal de civilização individual pertence tanto às condições de individualização do ser humano singular como às condições da vida social em comum desses seres humanos”. A singularidade dos sujeitos é adquirida não somente entre as classes, mas através dos diversos períodos históricos que antecederam a sua própria existência.

O desenvolvimento da humanidade é comparado ao processo de civilização, que por sua vez, da necessidade de subsistência, surgem novos grupos com milhões de pessoas, por sua vez podendo de ser de grande proporcionalidade, trazendo com eles vantagens e desvantagens na luta, por segregação, favorecendo assim o deslocamento e distanciamento dos grupos, possibilitando o surgimento de sujeitos com identidades distintas.

Segundo Stuart Hall, a identidade está sendo extensamente discutida na teoria social. Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais e Humanas (PPGCISH, pela UERN). E-mail: iratelmaperreira@bol.com.br

identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (HALL, 2006, p.7).

A identidade não é algo fixo, ela está sempre em mutação, dependendo das relações que os indivíduos estabelecem no processo de transformações que a sociedade, ao longo dos anos, onde cada indivíduo caracteriza-se por um certo arranjo de variáveis, dependendo das experiências adquiridas através dos diversos grupos sociais que convivem ou conviveram durante os processos históricos, sócias, econômicos e culturais na aquisição de uma nova identidade.

O presente artigo tem por finalidade dissertar sobre as diferentes identidades construídas, ao longo dos tempos, privilegiando as dimensões pessoal e social dos sujeitos, onde o pessoal coabita com a social, partindo do princípio com vários outros grupos, percebemos a contribuição da construção da identidade, através dos vários grupos que convive, desde a família, os amigos, a escola, no qual desempenham papéis diversificados e fundamentais na formação do sujeito. Nesse contexto há um intercâmbio relacional, fazendo esse sujeito tomar consciência de sua unicidade e subjetividade.

Pessoas e grupos sociais vivem processos históricos em que se entrelaçam o “ser” herdado e o “vir a ser” em construção. Nascemos “sendo” e ao mesmo tempo “somos o que nos tornamos e salvo exceção, nos tornamos o que a cultura permite que venhamos a nos tornar”. Não só a cultura, mas as circunstâncias de vida, a classe social, a biografia, os dons e a criatividade de cada um, contribuem para a composição da identidade.

As discussões que envolvem identidade e sujeitos primam pelas discussões de seu papel na sociedade. Tanto filósofos, sociólogos e historiadores desenvolvem pesquisas que abordam o indivíduo e as relações sociais, à procura de respostas para ação no contexto de suas práticas sociais. Esta subjetividade está em constante construção; a formação da identidade depende de diversos fatores externos ao homem que entram em contato com ele por meio da experiência e também das máscaras que cada um utiliza na interpretação dos papéis que representamos ao longo de nossa existência.

Identidade social é a posição da pessoa, em relação à posição dos demais dentro da sociedade, contribuindo para compreender as transformações sociais, culturais e territoriais ocorridas no processo de formação dos indivíduos. As discussões que envolvem identidade e diferença estão hoje no centro da teoria social e da prática política. Somos geneticamente predispostos à vida social, seja através do núcleo familiar, escolar, religioso ou de qualquer outro grupo institucional.

Considerando essas indagações, discussões e proposições, o texto estrutura-se da seguinte forma: a identidade dos sujeitos, identidade dos sujeitos e suas práticas sociais e os sujeitos e a busca de suas identidades, caracterizando o sujeito como não tendo uma identidade que está em constante transformação a partir das relações que estabelecem com os diferentes grupos sociais que adquirem e trocam suas experiências.

## 1 Identidades e sujeitos

Ao analisar como as identidades são construídas, privilegiando as dimensões pessoal e social dos sujeitos, onde a pessoal coabita com a social, partindo do princípio com vários outros grupos, percebemos a contribuição da construção da identidade, através dos vários grupos que convive, desde a família, os amigos, a escola, no qual desempenham papéis diversificados e fundamentais na formação do sujeito. Nesse contexto há um intercâmbio relacional, fazendo esse sujeito tomar consciência de sua unicidade e subjetividade.

Silva (2000, p. 73) quando em seu ensaio, busca definir identidade como simplesmente aquilo que se é, “sou brasileiro”, “sou negro”, etc. Para ele a identidade assim concebida parece ser uma positividade (“aquilo que sou”), uma característica independente, um “fato” autônomo. Nessa perspectiva, a identidade só tem como referência a si própria: ela é autocontida e autossuficiente.

Somos constrangidos por um modo específico de subjetividades e pela gama de possibilidades que a identidade é moldada através da cultura, podendo dar sentido a essas subjetividades, no fornecimento das diferentes variações de representações, através das relações sociais como argumenta Jonathan Rutherford:

[...] a identidade marca o encontro de nosso passado as relações sociais, culturais e econômicas nas quais vivemos agora [...] a identidade é a intersecção de nossas vidas cotidianas com as relações econômicas e políticas de subordinação e dominação (RUTHERFORD, 1990, p. 19-20).

A ênfase dada na representação e sistemas simbólicos, que fornecem novas formas de conceituar a identidade, sugeridas na construção da identidade, em que Bourdieu (1989, p. 112) a caracteriza como “a procura dos critérios de identidade regional ou étnica, não deve fazer esquecer que, na prática social, esses critérios (língua, dialeto ou o sotaque) são objetos de representações materiais, quer dizer, de atos de percepções e de apropriação de conhecimento e reconhecimento”.

Silva (2008, p. 19), em suas discussões acerca das novas formas de dar sentido à experiência das divisões e desigualdades sociais e aos meios pelos quais alguns grupos são excluídos estigmatizados, onde as identidades são contestadas, sugere a emergência de novas posições e de novas identidades, produzidas, por exemplo, em

circunstâncias econômicas e sociais cambiantes.

Segundo Hall (2006), a identidade é objeto da interação entre o indivíduo e a sociedade e que o sujeito tem sua essência interior, no entanto é a partir da relação com diversos mundos culturais que sua identidade se estabelece. O autor contempla a identidade do sujeito em três concepções distintas para a reflexão acerca de um novo modelo de identidade através da articulação do sujeito do iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. O sujeito do iluminismo galgava-se no tradicionalismo, o sujeito sociológico era reconhecido como resultado da interação das relações sociais e de seu habitat e o sujeito pós-moderno conceptual da mobilidade, imprevisibilidade e insegurança da contemporaneidade, fazendo a seguinte afirmação acerca da identidade sociológica:

A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” – ente o mundo pessoal e o mundo público. O fato e projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural (HALL, 2006, p. 10-12).

A identidade pessoal, para alguns filósofos, é conceituada a partir da continuidade da consciência. Eles consideram que a mente dos indivíduos é uma tábua rasa, que só começaria a adquirir conhecimentos a partir das experiências vivenciadas. Para eles os homens nascem privados de ideias inatas, e o conhecimento é determinado única e exclusivamente pelo método empírico.

A eficácia produtiva dos enunciados performativos ligados à identidade depende de sua incessante representação. Em síntese, com base na perspectiva do discurso de identidade e diferença Silva (2008) afirma que:

A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tão pouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. A identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada (SILVA, 2008, p. 97).

Um ponto que Woodward (2000, p. 50) ressalta é sobre a questão da construção negativa da diferença, originada da exclusão ou marginalização de indivíduos considerados como “outros”. Ressalta também que a diferença pode ser concebida como princípio da “diversidade, heterogeneidade e hibridismo”, sendo vista como enriquecedora. Para a autora, a identidade está intimamente ligada à subjetividade que, por sua vez, sugere a compreensão sobre o nosso eu. Nesse sentido:

A subjetividade envolve nossos sentimentos e pensamentos mais pessoais. Entretanto, nós vivemos nossa subjetividade em um

contexto social no qual a linguagem e a cultura dão significado à experiência que temos de nós mesmos e no qual nós adotamos uma identidade (WOODWARD, 2000, p. 55).

A subjetividade está em constante construção; a formação da identidade depende de diversos fatores externos ao homem que entram em contato com ele por meio da experiência e também das máscaras que cada um utiliza na interpretação dos papéis que representamos ao longo de nossa existência. Ao entender o homem como um ser em constante construção, precisamos reconhecer que ele possui uma história, sendo necessário saber da dialética que o mesmo estabelece com o seu modo de pertencer a uma sociedade.

A identidade concebida como fenômeno histórico-social pode ser entendida como algo que se alterna, e existe de acordo com o contexto da vida dos sujeitos, levando em consideração a importância assumida pelos indivíduos ao sentirem-se pertencentes a algum grupo social. Neste sentido, os sujeitos, numa perspectiva sociocultural, onde são os atores sociais que, através de suas opiniões e comportamentos, promovem a possibilidade de análises e o lugar que ocupam na sociedade, focalizam suas práticas.

## **2 Identidades dos sujeitos e práticas sociais**

Pessoas e grupos sociais vivem processos históricos em que se entrelaçam o “ser” herdado e o “vir a ser” em construção. Nascemos “sendo” e ao mesmo tempo “somos o que nos tornamos e salvo exceção, nos tornamos o que a cultura permite que venhamos a nos tornar”. Não só a cultura, mas as circunstâncias de vida, a classe social, a biografia, os dons e a criatividade de cada um, contribuem para a composição da identidade.

Quando o homem se defronta com um espaço, que ajudou a criar, cuja história conhece cuja memória é corriqueira, esse lugar cede espaço para uma não alienação, torna assim uma relação de formação de sujeitos que ensaia e improvisa sua própria identidade a todo e qualquer tempo. O homem é dotado de uma sensibilidade.

Sobre sujeitos, Castells (1999) faz a seguinte afirmação:

Sujeitos não são indivíduos, mesmo considerando que são constituídos a partir de indivíduos. São o ator social coletivo pelo qual indivíduos atingem o significado holístico em sua experiência. Nesse caso a construção da identidade consiste em um projeto de uma vida diferente, talvez com base em uma identidade oprimida, porém expandindo-se no sentido da transformação da sociedade como prolongamento desse projeto de identidade (CASTELLS, 1999, p.26).

Para Elias o convívio dos seres humanos em sociedade tem sempre, mesmo no caos, na desintegração, na maior desordem social, uma forma absolutamente

determinada. Os seres humanos, em virtude de sua independência fundamental uns com os outros agrupam-se sempre na forma de figurações específicas (ELIAS 2006, p. 26).

Viveiros, em suas discussões sobre a humanidade, afirma que “a humanidade enquanto entidade ontologicamente única (à condição humana) é composta não mais de indivíduos, mas de sujeitos que são simultaneamente criadores e criaturas do mundo das regras” (VIVEIROS, 2002, p. 1-2). A sociedade é composta de indivíduos dotados de objetividades, tendo ideologias distintas, adquiridas nos coletivos que dissolvem práticas de componentes, podendo ser humanas e não humanas.

A consciência coletiva dos indivíduos associada as suas ações de cunho, seja comunicativo ou estruturalista da sociedade, tornam-se essenciais na sociabilidade dos sujeitos, oscilando suas subjetividades nas representações da transnacionalização das identidades. Os indivíduos são possuidores de concepções e intencionalidades, que a consciência procura sua própria essência, ao tentar procurar explicar sua atuação enquanto seres coletivizados.

Existem várias formas de adquirir uma identidade social, podendo ser adquiridas através dos bens materiais, da capacidade de ser eficiente, podendo ser atribuída e adquirida.

Atribuída, quando não se pode fugir dela e adquirida quando é conseguida pelo próprio esforço, com vontade, trabalho, inteligência e talento.

Para Certeau (1982, p. 55), o discurso histórico explicita uma identidade social, não como “dada” ou estável, mas enquanto se diferencia de uma época anterior ou de uma outra sociedade. Ele supõe a ruptura que transforma uma tradição em um objeto passado, da mesma forma que a história do “Antigo Regime” supõe a Revolução. Mas essa relação com a origem, próxima ou longínqua, da qual uma sociedade se separa sem poder eliminá-la é analisada pelo historiador, que faz dela o lugar da sua ciência.

O passado se articula com as experiências vividas dos indivíduos, mesmo tendo que transportar resquícios de diferentes gerações, que determina sua história dando autonomia, em sua forma de pensar, fazendo-o ser possuidor de uma certa independência ao participar dos vários grupo sociais, na sua formação em seu desenvolvimento humano, social, cultural e econômico, possibilitando-o assumir seu lugar na sociedade, que o representa e o legitima, como não produtor de uma identidade, que pode ser transformada constantemente, de acordo com os processos históricos. Viveiros (2002) questiona: a sociedade é a massa das interações e representações dos indivíduos que a compõem, ou ela é sua condição supra individual, e como tal, um nível específico da realidade? (2002, p. 5).

A prática social é, assim, uma apropriação espacial de lógicas abstratas. Nesta construção epistemológica, Bourdieu encontra uma solução para embutir a ação como estrutura “motivadora” e produto cultural da sociedade, diferenciada por

gêneros, classes e povos (Bourdieu, 2000, p. 134, orig. 1989). É perceptível o mundo social, ao observarmos as práticas sociais construídas e desconstruídas pelos sujeitos nas reflexões da história da humanidade.

Pierre Bourdieu propõe na sua “teoria da prática” uma sociedade compreendida como “conjunto de formas de práticas” e destaca a atividade humana baseada num “repertório de regras e eventos” com um “programa de discursos e ações”, diferenciando assim um espaço virtual e abstrato (habitual) de um espaço prático (1976, orig.1972, p. 141).

As práticas sociais dos sujeitos se efetuam na participação ativa dos indivíduos que se sujeitam a normas, valores, atitudes e crenças na aquisição de uma identidade que permite o surgimento de novas práticas, possibilitando experiências que sejam trocadas e repassadas para gerações que permitirão novas identidades, onde a existência humanística exerce experiências vividas ao longo da história.

Segundo Elias, [...] os seres humanos, diferentemente de muitos outros seres vivos sociais não possuem uma regulação nativa dos afetos e pulsões, eles não podem prescindir da mobilização de sua disposição natural rumo à auto regulação mediante o aprendizado pessoal dos controles dos afetos e pulsões, no sentido de um modelo de civilização específico da sociedade, a fim de que possam conviver consigo mesmo e com os outros seres humanos (2006, p.21).

Castells (1999) entende por identidade o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(is) prevalece(m) sobre outras fontes de significados. Para um determinado indivíduo ou ainda um ator coletivo, pode haver identidades múltiplas. A construção social da identidade sempre ocorre em um contexto marcado por relações de poder: identidade legitimada, identidade de resistência e identidade de projeto (p. 22-24).

Quanto à contribuição da cultura na construção da identidade dos sujeitos, faz-se necessário lembrar que a unicidade de uma história e de uma cultura compartilhadas nos grupos, podem ser representadas como fator de relevante importância no surgimento de uma nova identidade. Uma outra reflexão é que a concepção de identidade cultural é aquela que ele a vê como uma questão tanto de “tornar-se” quanto de “ser”. Tornar-se e ser aquilo que deseja como ator da sociedade que deseja ajudar a formar ou transformar.

### **3 Os sujeitos e a busca de suas identidades**

Ao longo dos anos, o sujeito tem sido alvo de discussões que primam pelas discussões de seu papel na sociedade. Tanto filósofos, sociólogos e historiadores desenvolvem pesquisas que abordam o indivíduo e as relações sociais, à procura de respostas para ação no contexto de suas práticas sociais.

Para Elias cada pessoa singular está realmente presa; está presa por viver em permanente dependência funcional de outras; ela é um elo nas cadeias que ligam outras pessoas, assim como todas as demais, direta ou indiretamente, são elos nas cadeias que a prendem... São mais elásticas, mais variáveis, mais mutáveis, porém menos reais e decerto não menos fortes. E é a essa rede de funções que as pessoas desempenham umas em relação às outras, a ela e nada mais, que chamamos de “sociedade” (1994, p.23).

Há uma passagem de Karel Kosik sobre motivação, que faz a seguinte afirmação sobre sujeitos:

O sujeito (o indivíduo, a consciência individual, o espírito, a coletividade) deve andar em peregrinação pelo mundo para conhecer a si mesmo. O conhecimento do sujeito só é possível na base da atividade do próprio sujeito sobre o mundo; o sujeito só conhece o mundo na proporção em que nele intervém ativamente, e só conhece a si mediante uma ativa transformação do mundo. O conhecimento de quem é o sujeito significa conhecimento da atividade do próprio sujeito no mundo. O mundo percorrido pelo sujeito é diferente, é um mundo mudado, pois a simples peregrinação do sujeito pelo mundo modificou o próprio mundo, nele deixou as suas marcas (1969, p. 165-166).

Certeau (1982, p. 55) em suas observações sobre a origem da identidade por diferenciação, ele articula a prática de uma nova compreensão do passado e destaca que a história tem como função exprimir a posição de uma geração com respeito às precedentes, dizendo: "Eu sou outra coisa além daquilo que quero, e sou determinado por aquilo que denego". A história atesta uma autonomia e uma dependência cujas proporções variam segundo os meios sociais e as situações políticas que presidem à sua elaboração.

O sujeito é constantemente transformado por seu universo exterior, através de um contínuo diálogo cultural e as identidades que esse mundo possibilita tais mudanças. Ele como sujeito, muitas vezes é composto não de uma única, mas de discrepantes identidades, contrárias e não resolvidas, através da qual adquirimos uma outra identidade, por vezes provisória, mutante e de uma série de totalidade.

Hall (2006, p. 13) discorre em suas concepções, que o sujeito assume uma identidade que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias empurradas em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentirmos que temos uma identidade desde o nascimento até a morte é apenas por que construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora narrativa do eu. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia.

Para Bourdieu (1996, p. 77) o mundo social, que tende a identificar a normalidade com a identidade entendida como constância de si mesmo de um ser

responsável, isto é, previsível ou, pelo menos, inteligível, como uma história bem construída (para oposição a história contada por um idiota), propõe e dispõe todos os tipos de instituições de totalização e de unificação do eu.

Essa totalização e unificação do eu pode ser atribuída ao mundo globalizado, favorecendo a mutação dos indivíduos, na busca contínua de uma identidade, imbuída de influências culturais, econômicas e políticas de seus sujeitos, que modificará suas estruturas objetivas a partir da construção da subjetividade dos atores inseridos, nesse contexto através das disposições de estudos reflexivos e teóricos.

Durkheim (1999, p.28), retrata que “é preciso, portanto considerar os fenômenos sociais em si mesmos, separados dos sujeitos conscientes que os concebem; é preciso estudá-los de fora, como coisas exteriores, pois é nessa qualidade que eles se apresentam a nós”. O autor afirma que as estruturas sociais estão a priori, independentes da ação do sujeito, visto que a sociedade é regulada como um imenso corpo social no qual cada um desempenha uma função específica de forma isolada e individual. Realiza o sujeito de forma autônoma e alheia ao universo que a compõe, portanto, contempla o indivíduo como fruto passivo da sociedade.

Diante da dualidade entre sujeito e sociedade, podemos perceber que os indivíduos no mundo pós-moderno não existem. As mudanças que passamos ao longo da existência são decorrentes da ligação do homem e a sociedade, do pluralismo e não da individualidade como em uma grande teia isoladamente e de forma única. As transformações ocorridas ao longo da existência da humanidade são frutos das ações homens em sociedade. Em meio a essas reflexões há o reconhecimento do sujeito como versátil e inconstante, inseparável da e sociedade, na qual assume inúmeros papéis de acordo com os costumes do seu meio.

O conceito de civilidade nos remete aos estudos de Elias (1994, p. 55) nos quais as relações sociais são responsáveis pela civilidade do indivíduo e que o processo civilizatório não deve ser compreendido como algo criado por indivíduos isolados, mas em um processo realizado conjuntamente pelos indivíduos e sociedade. A globalização neste sentido desponta como um processo de reestruturação das relações de trabalho e das relações sociais que são institucionalizadas pela interação do indivíduo e a sociedade.

O sujeito e a sociedade trabalham com a singularidade e a pluralidade, não havendo sujeitos sem sociedade em que a noção de sujeitos e sociedade são simultâneas, onde as coisas acontecem na casualidade. O sujeito institui o saber e o poder, ele não é produto e sim produtor, na troca de relações entre poder e sujeitos.

O sujeito é atravessado pelos regimes de saber e poder, onde os agrupamentos sociais não têm necessariamente estratégias de regras que queremos dar a sociedade, isso por haver relação entre dominação e subordinação entre os indivíduos que fazem parte dos diferentes grupos que contribuem para sua identidade.

## Considerações finais

O sujeito no mundo contemporâneo surge como um ser efêmero, mutável em meio às transformações. A insegurança e a falta de estabilidade permeiam a essência dos indivíduos, imbuído de concepções históricas e culturais, onde não há espaço para modelos preconcebidos e estereotipados que ao sujeito fragmentado, descentrado e instável.

Diante deste cenário observamos que a insegurança e a incerteza do mundo pós-moderno, podem ser consideradas irrelevantes as experiências passadas na construção de identidade do sujeito. A história, a cultura que divide a humanidade antes e depois da globalização, segundo algumas reflexões de alguns autores, pretende direcionar compreensões acerca das transformações que ocorreram no surgimento de novas identidades, enquanto estávamos ocupados em meio aos avanços da sociedade contemporânea. Enfim, essas e outras indagações são inquietações que poderão ser estudadas, pesquisadas em outros momentos, que seja propícia a pesquisa sobre as transformações dos sujeitos no surgimento de novas identidades.

## Referências bibliográficas

- BOURDIEU, P. *Razões práticas: Sobre a teoria da razão*. Tradução: Mariza Correa - Campinas, SP: Papyrus. 1996.
- CASTELLS, M. *O poder da identidade*. Trad. Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1942/1999.
- CERTEAU, M. *A escrita da história*. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- DURKHEIM, É. *As regras do método sociológico*. Trad. Paulo Neves 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- ELIAS, N. *Estado, processo, opinião pública*. Trad. Sérgio Benevides. Rio de Janeiro Jorge Zahar, 2006.
- \_\_\_\_\_. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2002/2006.
- KOSIK, K. *Dialética do concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.
- MOLINA, M. C. G. *A construção de identidade do sujeito mediante as transformações da globalização*. In: Revista Científica do ITPAC, Araguaína, v.7, n.2, 6, abr/2014.
- MONTEIRO, E. S. *A construção da identidade no contexto sociocultural dos sujeitos*. Itabaiana: Gepiadde, Ano 5, Volume 10 | jul.-dez/2011.
- SILVA FILHO, J. B. *História do negro no Brasil*. In: População negra e educação escolar. In: OLIVEIRA, Iolanda; SISS Ahyas (orgs.). Cadernos Penesb nº. 7; Rio de Janeiro/Niterói – Quartet/EdUFF, 2006.

SILVA, N. V. *Morenidade: modo de usar*. In: Caderno Cândido Mendes. Estudos Afro-Asiáticos 30,1996.

\_\_\_\_\_. *Uma nota sobre “raça social” no Brasil*. In: Caderno Cândido Mendes. Estudos Afro-asiáticos, 26, 1995, p. 67-80.

SILVA, T. T.; HALL, S, WOODWARD, K. (Orgs.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

Submissão: 24.09.2016 / Aceite: 30.10.2016